

**A ESPACIALIZAÇÃO DO LETRAMENTO E OS
NÚMEROS DO LUGAR: CONTRIBUIÇÕES DA
GEOGRAFIA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL**

**LA ESPACIALIZACIÓN DE LA LECTURA Y LOS
NÚMEROS DEL LUGAR: CONTRIBUTOS DE LA
GEOGRAFÍA PARA LA EDUCACIÓN PRIMARIA.**

**THE SPATIALIZATION OF READING AND THE
NUMBERS OF PLACE: CONTRIBUTIONS OF
GEOGRAPHY TO PRIMARY EDUCATION.**

DOI: <https://doi.org/10.31692/2595-2498.v7i3.390>

NIELSON DA SILVA BEZERRA

Professor do IFPE Campus Recife, nielsonbezerra@recife.ifpe.edu.br

CECÍLIA MARIA ANDRADE LIMA

Licenciatura de Geografia, IFPE Campus Recife, cmal@discente.ifpe.edu.br

ANDERSON ARAÚJO SOUZA

Licenciatura de Geografia, IFPE Campus Recife, aas74@discente.ifpe.edu.br

FELIPE DOMINGOS

Licenciatura de Geografia, IFPE Campus Recife, fd@discente.ifpe.edu.br

CLÉZIA AQUINO DE BRAGA

Professora do IFPE Campus Recife, cleziadebraga@recife.ifpe.edu.br



RESUMO

Nesta pesquisa nosso objetivo foi mobilizar os estudos da Geografia da Infância para contribuir com a melhoria da qualidade do Ensino Fundamental nas escolas parceiras. Utilizamos os estudos no campo da Geografia da Infância para inovar pedagogicamente no ensino fundamental. Neste sentido construímos parcerias com escolas públicas do Ensino Fundamental, sendo estas, nosso campo de pesquisa. Usamos como referência metodológica a pesquisa qualitativa de cunho participante, tendo em vista que desejamos que os passos metodológicos de nossa pesquisa fossem dados em conjunto com as escolas parceiras. A primeira fase da pesquisa foi centrada na observação das dinâmicas de nosso campo de estudo. A segunda fase foi o planejamento conjunto de sequências didáticas onde utilizamos a interdisciplinaridade entre Geografia, Matemática e Linguagem para espacializar a aula. O lúdico foi nossa principal estratégia e esteve presente em todas as atividades desenvolvidas. O acolhimento às crianças foi um dos principais resultados de nossa estratégia, indicando que é possível compreender o espaço geográfico a partir do olhar e vivências infantis, alcançando um aprendizado prazeroso, que integra o estudante no processo educacional por meio de seus conhecimentos de mundo, sem desconsiderar a essência científica da geografia. As categorias de análise da Geografia são alargadas quando consideram o olhar infantil. Entendemos que os espaços das cidades também são espaços infantis e buscamos trazer essa compreensão durante nossas intervenções, observando que esses lugares são formadores da identidade das nossas crianças. Mesmo quando estes espaços não são pensados para elas, as crianças subvertem a ordem e se apropriam deles, dando aos mesmos novos significados. Diante destes achados não resta dúvidas que as crianças têm espacialidade, já que produzem a mesma a partir das brincadeiras e jogos em seu cotidiano.

Palavras-chave: Ensino Fundamental; Ensino de Geografia; Espacialização.

RESUMEN

En esta investigación, nuestro objetivo fue movilizar los estudios de la Geografía de la Infancia para contribuir a la mejora de la calidad de la Educación Primaria en las escuelas asociadas. Utilizamos los estudios en el campo de la Geografía de la Infancia para innovar pedagógicamente en la enseñanza primaria. En este sentido, construimos asociaciones con escuelas públicas de Educación Primaria, siendo estas nuestro campo de investigación. Usamos como referencia metodológica la investigación cualitativa de carácter participativo, dado que deseamos que los pasos metodológicos de nuestra investigación fueran dados en conjunto con las escuelas asociadas. La primera fase de la investigación se centró en la observación de las dinámicas de nuestro campo de estudio. La segunda fase fue la planificación conjunta de secuencias didácticas donde utilizamos la interdisciplinariedad entre Geografía, Matemáticas y Lenguaje para espacializar la clase. Lo lúdico fue nuestra

principal estrategia y estuvo presente en todas las actividades desarrolladas. La acogida a los niños fue uno de los principales resultados de nuestra estrategia, indicando que es posible comprender el espacio geográfico a partir de la mirada y las vivencias infantiles, logrando un aprendizaje placentero que integra al estudiante en el proceso educativo a través de sus conocimientos del mundo, sin desestimar la esencia científica de la geografía. Las categorías de análisis de la Geografía se amplían al considerar la mirada infantil. Entendemos que los espacios de las ciudades también son espacios infantiles y buscamos traer esta comprensión durante nuestras intervenciones, observando que esos lugares son formadores de la identidad de nuestros niños. Incluso cuando estos espacios no están pensados para ellos, los niños subvierten el orden y se apropian de ellos, otorgándoles nuevos significados. Ante estos hallazgos, no quedan dudas de que los niños tienen espacialidad, ya que la

producen a partir de los juegos y actividades lúdicas en su cotidianidad.

Palabras clave: Educación Básica; Enseñanza de Geografía; Espacialización.

ABSTRACT

In this research, our objective was to mobilize the Geography of Childhood studies to contribute to the improving of the quality of Elementary Education in partner schools. We utilized studies in the field of Geography of Childhood to innovate pedagogically in elementary education. In this sense, we built partnerships with public elementary schools, which served as our research field. We used participatory qualitative research as our methodological reference, given that we wanted the methodological steps of our research to be taken together with the partner schools. The first phase of the research focused on observing the dynamics of our study field. The second phase involved the joint planning of didactic sequences, where we utilized the interdisciplinarity between Geography, Mathematics, and Language to spatialize the lesson. Playfulness was our

main strategy and was present in all the activities developed. Welcoming the children was one of the main results of our strategy, indicating that it is possible to understand geographical space from the perspective and experiences of children, achieving a pleasurable learning experience that integrates the student into the educational process through their world knowledge, without disregarding the scientific essence of geography. The analytical categories of Geography are broadened when considering the children's perspective. We understand that urban spaces are also child-friendly spaces and sought to bring this understanding into our interventions, observing that these places play a role in shaping the identities of our children. Even when these spaces are not designed for them, children subvert the order and appropriate these places, giving them new meanings. In light of these findings, there is no doubt that children have spatiality, as they produce it through play and games in their daily lives.

Keywords: Elementary Education; Geography Education; Spatialization.

INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa buscou promover a mobilização dos conceitos da Geografia da Infância em diálogo com a complexificação do ensino, contribuindo com a melhoria do aprendizado das crianças do Ensino Fundamental.

Escolhemos como metodologia de pesquisa a abordagem qualitativa, tendo em vista que essa abordagem tem a característica de aprofundar a compreensão do fenômeno estudado, sendo assim mais adequada para nosso objeto de estudo. Para coletar os dados, optamos pela pesquisa participante dividida em três fases. Na primeira fase definimos a escola parceira e começamos a participar do cotidiano da mesma, além de aprofundarmos nosso aporte teórico acerca da Geografia da Infância e suas relações com o ensino fundamental. A segunda fase consistiu na sistematização de ações metodológicas que envolveram a execução de sequências didáticas experimentais. A terceira fase tem sido a sistematização teórico-prática das ações do projeto, representado pelo esforço em sistematizar os resultados alcançados de nossa pesquisa.

Conseguimos ampliar o arco de parcerias com a inclusão de mais uma escola municipal, dessa vez do município do Recife. Conseguimos avançar no fortalecimento do arcabouço

teórico da Geografia da Infância, o que nos permitiu compreender mais a fundo o aprendizado das crianças que acompanhamos. Esses passos permitiram sistematizar métodos e técnicas didático-pedagógicas experimentais que utilizaram a Geografia da Infância para contribuir com a melhoria do ensino fundamental e a organização de atividades teórico-pedagógicas que têm auxiliado na compreensão do complexo contexto geográfico presente nas diferentes escalas parceiras.

Nas próximas seções deste artigo apresentamos o arcabouço teórico que sustenta nossa pesquisa, em seguida apontamos nossas escolhas metodológicas. A sistematização de sequências didáticas bem como as principais produções dos estudantes são nossos dados e suas análises. Concluímos essa sistematização com nossas conclusões.

Acreditamos que nossa pesquisa tem contribuído efetivamente para a melhoria da qualidade do ensino nas escolas parceiras, além de contribuir com o avanço do ensino da Geografia e da Formação de Professores neste campo.

CONTRIBUIÇÕES DA GEOGRAFIA DA INFÂNCIA

Como as crianças produzem o espaço geográfico? Como elas se apropriam dele? Como as crianças vivem suas geografias? Essas são algumas questões sobre as quais se debruça a Geografia da Infância. Lopes (2013, p. 284) coloca que “os acúmulos de trabalhos que envolvem as crianças e suas espacialidades começam por volta dos anos de 1970, com a Geografia Humanista, de bases epistemológicas principalmente na fenomenologia.” Acrescenta ainda o autor que as críticas desta abordagem miram

[...] estudos estatísticos na Geografia, à descrição racionalista do positivismo e ao reducionismo economicista do movimento marxista dentro dessa ciência, a Geografia Humanista busca compreender a percepção e representação do espaço por indivíduos, entendendo seu caráter único, singular, ao mesmo tempo em que reconhece o seu pertencimento e compartilhamento a um determinado grupo cultural” (Lopes, 2013, p. 285).

Nessa abordagem, conceitos como lugar e espaço vivido vão tomar foco nos estudos, mas não de forma geral ou universal, mas sim partindo do singular, do particular em cada grupo social, assim é possível a compreensão das “[...] relações entre o sujeito e o objeto, cujo processo de entendimento implica na singularidade da vivência do lugar, da paisagem e do próprio espaço” (Araujo, 2020).

Nos estudos da Infância, Malatesta e Sánchez (2017, p. 634) reforçam esse paradigma ao colocarem que “[...] as geografias da infâncias estão pensadas para centrar-se nos lugares.” Compreendemos assim que essa Geografia é rica justamente por trazer o ponto de vista das

crianças, e dessa forma apreender com elas.

A partir da pesquisa exploratória acerca do campo de estudo, foram utilizadas ferramentas de pesquisa on-line sobre a temática Geografia da Infância e a metodologia de pesquisa. Depois foram feitas filtragens do material coletado, dando enfoque primeiro em textos acerca do campo de estudo que possibilitasse o entendimento do que é essa área, suas fundações e epistemologia, quais as abordagens e atividades realizadas por outros pesquisadores, além de conversas com as estudantes pesquisadoras e/ou extensionistas que já haviam/estão trabalhando com a temática no grupo de pesquisa.

Nesse sentido, o trabalho de Araújo (2020) e de Farias (2023), foram essenciais para nossas análises e para a construção da sequência didática envolvendo a cartografia.

Os trabalhos de Lopes (2013), Lopes e Vasconcellos (2006), Lopes e Costa (2017), Lopes e Mello (2017), Lopes e Suarez (2018), forneceram a base epistemológica de nossa pesquisa, lançando luz em questões que foram diagnosticadas no percurso da pesquisa.

Callai (2005), aponta que a geografia escolar pode ser uma grande aliada ao processo de alfabetização de crianças a partir da leitura de mundo, ou seja, uma alfabetização geográfica, uma vez que ela “é fundamental para que todos nós, que vivemos em sociedade, possamos exercitar nossa cidadania, aprender a ler, aprendendo a ler o mundo; e escrever, aprendendo a escrever o mundo” (Callai, 2005, p. 228). Partindo de problematizações do que, como e para quem se ensina, mobilizando conceitos estruturantes da ciência geográfica para promover “leitura de mundo”, dos espaços geográficos em escala global e dos espaços vividos pelas crianças nessa modalidade de ensino, fomentando a alfabetização de palavras, das espacialidades singulares e gerais e dos números.

Ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultado da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades. Em linhas gerais, esse é o papel da geografia na escola. Refletir sobre as possibilidades que representa, no processo de alfabetização, ensino de geografia, passa a ser importante para quem quer pensar, entender e propor a geografia como um componente curricular significativo. Presente em toda a educação básica, mais do que a definição dos conteúdos com que trabalha, é fundamental que se tenha clareza do que se pretende com o ensino de geografia, de quais objetivos lhe cabem. (Callai, 2005, p. 228-229).

Então, partindo dos pressupostos apontados pela autora, tentamos mobilizar esse papel da geografia e da leitura do mundo através da cartografia, com o intento de apreender como as crianças representam seus espaços vividos a partir do desenho de mapas e croquis. Nosso objetivo coaduna-se com Lopes (2017)

Especificamente temos como desejo, ao reconhecer como linguagem os mapas, compreender como as crianças pequenas se envolvem com elementos da cultura cartográfica, como essas emergem em suas vidas cotidianas, e como alargam suas visões e percepções de si e do mundo (Lopes, 2017, p. 75).

Os estudos neste campo observam as infâncias em sua diversidade, busca entender os diversos embates que ocorrem no lócus cultural, onde o território infância é disputado. A novidade dos estudos no campo da geografia da infância está justamente em perceber o protagonismo das próprias crianças nesta arena, como afirma Lopes (2008, p.76):

Se a infância é um território no qual se embatem diferentes perspectivas e concepções, onde diferentes agentes atuam na sua constituição, construção e reconstrução, as crianças não vivenciam essas ações que lhe são direcionadas de forma passiva.

Entender a criança a partir de sua própria ação no mundo, na produção de sua própria espacialidade.

ESCOLHAS METODOLÓGICAS

Nosso estudo é do tipo qualitativo e utiliza a pesquisa participante como método para a coleta de dados que foi dividida em três fases.

A primeira foi constituída em escolher a escola, junto com o grupo de pesquisa; começar o aprofundamento teórico sobre a Geografia da Infância e suas relações com o ensino fundamental, socializando os resultados com os parceiros para fortalecer o diálogo. Nesta fase intensificamos nossa presença no campo coletando dados através da observação, colaboração e levantamento de dados, para com eles criar metodologias e técnicas didático-pedagógicas.

A segunda fase consistiu na sistematização de ações metodológicas que envolvessem a execução de sequências didáticas experimentais, em conjunto com a professora parceira; planejamento, execução e reflexão acerca destas sequências; presença na escola parceira pelo menos uma vez na semana.

A terceira fase sendo: a sistematização teórico-prática das ações do projeto; esforço concentrado em sistematizar resultados alcançados em relatório de campo, além do desenvolvimento de atividade didático-pedagógica.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA-PARCEIRA

Nossa nova parceira é a Escola Municipal Professor José Soares da Silva, localizada na Rua Barão do Botovi, S/N, no bairro de Nova Descoberta, Zona Norte da Cidade do Recife.

A escola atende aos moradores do próprio bairro, nas modalidades de Ensino Fundamental - anos Iniciais regular nos turnos da manhã e da tarde e de Ensino de Jovens e Adultos - EJA no período noturno. A escola tem cerca de 340 alunos matriculados e conta com 30 funcionários, entre professores concursados e contratados, auxiliares terceirizados, estagiários e equipe gestora.

São oito salas de aula regulares com as turmas do 1º ao 5º ano; uma sala de aula de reforço, onde são desenvolvidas atividades com os alunos com mais dificuldade; seis banheiros para os estudantes; dois banheiros para funcionários; uma biblioteca; uma sala de informática; um pátio que funciona como o local onde as crianças se organizam no início das aulas, lancham no intervalo e onde esperam os responsáveis na saída; uma cozinha, onde as refeições providas pela prefeitura são servidas; uma sala de almoxarifado que também funciona como sala de professores; uma sala da coordenação pedagógica; uma sala da gestão; e uma sala da secretaria.

A escola é dividida em 3 (três) pisos, sendo o primeiro onde ficam dois banheiros para os alunos, o pátio, a cozinha e a sala de reforço - em dias regulares, o acesso e a saída da escola funciona por ele; no segundo, ficam duas salas de aula, o almoxarifado, a sala dos professores, a biblioteca, a sala de informática e as salas de gestão, coordenação pedagógica e secretaria, além de dois banheiros para os alunos e os dois banheiros de funcionários e um segundo portão, por onde se acessa a escola nos horários de aula; no terceiro piso, o espaço é dividido em seis salas de aula e dois banheiros. O acesso entre um piso e outro é por meio de rampas, revestidas com emborrachados antiderrapantes. Todas as salas são climatizadas, com televisão e quadro branco. Há armários com os materiais das crianças, e os livros didáticos que ficam na escola, quando não há atividades para casa. Na turma do 5º ano, as crianças ainda têm acesso à *Chromebooks* individuais que também ficam na escola, e são utilizados para pesquisas, leitura na plataforma “Árvore de Livros”, e brincadeiras em ambiente *on-line*.

A Rua Barão de Botovi é uma escadaria que foi requalificada no ano de 2023 e foram instalados corrimãos de segurança. Por ser no meio da escadaria, estudantes ou familiares com problemas de mobilidade têm dificuldade de acesso à escola, tendo que recorrer a outras instituições no bairro ou em bairros vizinhos.

A partir do contato entre o grupo de pesquisa com a escola, tivemos autorização para começar as atividades de observação participante; num primeiro momento, iríamos trabalhar com o diagnóstico acerca do desenvolvimento escolar das crianças de uma turma do 2º ano, do turno da tarde no segundo semestre de 2023 para retornar com a mesma turma no primeiro semestre de 2024, entretanto, a professora que ficaria responsável não se sentiu confortável com a atividade, de forma que houve a necessidade da troca de turma. Dessa forma, no primeiro

semestre de 2024, trabalhamos com uma turma do 5º ano no mesmo turno.

A turma do 2º ano C tinha 22 (vinte e dois) alunos entre 7 e 8 anos, enquanto a turma do 5º ano C tem 24 (vinte e quatro) alunos, entre 10 e 11 anos de idade. O cotidiano de ambas é similar do ponto de vista da rotina: como as demais crianças, ambas se enfileiram no pátio da escola a partir das 13h; depois dos recados do dia, quase todas participam do momento de oração; em seguida, guiados pelas professoras, as crianças sobem para suas salas de aula (ambas as salas ficam no terceiro piso); na hora do intervalo, a partir das 14:50h, inicia-se o rodízio de turmas para retornar ao pátio, onde a merenda do dia vai ser servida - as turmas dos anos iniciais descem primeiro, retornando para suas salas após o período de 20 minutos; as aulas terminam às 17h e novamente ao pátio retornam, a fim de voltar para casa ou esperarem seus responsáveis.

Entretanto, as singularidades das duas turmas são latentes, pois são grupos de crianças com idades distintas e que se apropriam dos espaços da escola e aos arredores de forma diferente. Ao observar as dinâmicas a partir da própria escadaria, as crianças do 2º ano geralmente chegam e saem com familiares, enquanto as crianças do 5º ano chegam e saem quase todas sozinhas. Grupos são formados por afinidade dentro da escola, que levam as crianças a se reorganizarem na fila antes da aula, nas carteiras da sala de aula, no pátio na hora do intervalo. Algumas vezes, levando as professoras a “separarem” os grupos. Entretanto, as crianças acabam se reunindo na própria sala de aula, no pátio, na rua da escola.

O horário de fim das aulas é um ponto interessante de observação, pois nem todas as crianças chegam no horário, mas todas saem juntas. Dessa forma, é possível apreender certas dinâmicas que não são percebidas em outros momentos. Embora as professoras e a gestão tentem manter certo controle no pátio, as crianças do 2º ano tendem a se juntar em brincadeiras. Correm pelo pátio, ou se sentam no chão para conversar ou brincar, ou trocar “cartas de personagem, jogadores de futebol”; as bolsas são deixadas em qualquer lugar, as vezes elas não percebem seus portadores à sua espera. Elas interagem com outras crianças de outras turmas, seja por parentesco, vizinhança ou simplesmente por poderem. Nesse sentido, o pátio da escola no horário de saída é como um parque com grades e paredes, com territórios divididos pelas crianças, mas ao mesmo tempo é um local de fronteira, onde as crianças se confraternizam na espera, independente da organização escolar.

Já as crianças do 5º ano se apropriam da rua. A escadaria é o pátio deles. Eles tomam conta desse espaço por um tempo entre 10 à 20 minutos, se aglomerando nas imediações fora da escola. Alguns grupos sobem o lance de escadas até a Rua Alto 13 de Maio, outros grupos descem em direção à avenida principal. São grupos maiores ou menores, rindo, gritando e brincando, exercendo o direito de ser e estar, algumas vezes como uma liberdade de ser que

muitas vezes não é permitida dentro dos limites do espaço escolar para se expressarem do jeito que querem: sem regular o volume da fala, sem precisarem trocar de carteira. São grupos formados por meninos e meninas que moram perto, ou que fazem caminhos até certo ponto em comum. Eles se apropriam do espaço de forma que entre as 17h e 17h20', eles *são* a paisagem.

Imagem 1 - Sala de aula do 5º ano C



Fonte: própria (2024)

SISTEMATIZAÇÃO DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

No início do trabalho com a professora-parceira do 5º ano, tivemos acesso ao currículo que a prefeitura encaminha para os docentes. Após lê-lo, nos debruçamos sobre o que dizia respeito à Geografia, notando que o conceito de Paisagem era o conceito estruturante principal a ser desenvolvido, para que a partir da leitura de paisagens, as crianças pudessem diferenciar diferentes regiões e paisagens do Território Nacional. Tendo a compreensão disso, desenvolver o conceito de Paisagem foi nosso primeiro intento.

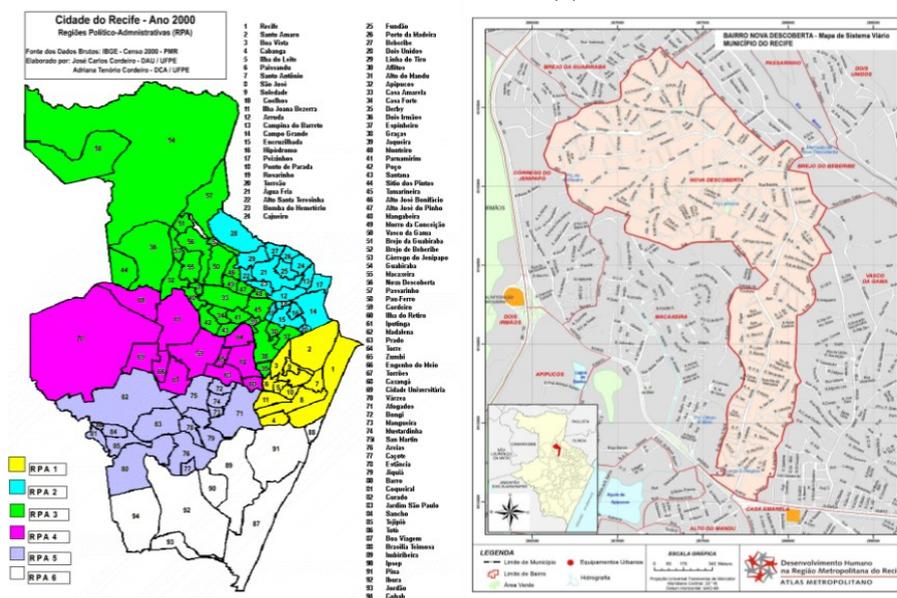
Entretanto, surgiu a oportunidade de se trabalhar com a Cartografia, a partir das necessidades das crianças em aprender os conceitos cartográficos relacionados à leitura de mapas: quais os elementos de um mapa? Qual a importância de se compreender seus elementos (título, escala, legenda, localização, rosa dos ventos, fonte, entre outros)? O que muda quando damos um “zoom” nos mapas? Onde nosso estado, cidade, bairro, rua e escola estão num Mapa do Brasil? Quais os tipos de mapas?

Com essas perguntas em mente, conduzimos uma aula utilizando esses conceitos a partir da pesquisa dos estudantes por mapas no *Google*, além da navegação pela ferramenta *Google Maps*. Enquanto explicamos os conceitos, íamos solicitando que as crianças procurassem por

mapas distintos em diferentes escalas, mas tentando relacionar os diferentes espaços, e não apenas fazer recortes. Quando as crianças achavam mapas que se relacionassem com o que estávamos discutindo, havia a socialização com os colegas. Lemos alguns mapas juntos, como o da Imagem 2. Nesse mapa, temos a regionalização da cidade do Recife em Regiões Político Administrativas (RPA). Durante a leitura, desvendamos juntos em qual está nosso bairro, onde ele se localiza, quais os bairros fazem fronteira com ele.

Em seguida, buscamos um mapa do bairro de Nova Descoberta, e procuramos os nomes das ruas onde moramos, se os caminhos por onde passamos para chegar à escola estavam no mapa. Após esse momento, fizemos duas atividades: a primeira foi a de desenhar o caminho que fazemos de casa para a escola. O que as crianças guardam das paisagens por onde passam? Como elas se localizam? O que percebem e como representam isso? Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007) apontam que essas representações gráficas refletem “espaços vividos e práticas sociais”, o subjetivo ao invés das representações naturalistas a partir das observações. Dessa forma, podemos entender as produções do espaço das crianças. A segunda atividade foi a de comparar os desenhos das crianças com a ferramenta *Google Maps*. Na seguinte seção, iremos apresentar os desenhos das crianças.

Imagem 2 - Mapa das Regiões Político Administrativas do Recife (1) e Mapa do Sistema Viário do Bairro de Nova Descoberta (2)



Fontes: 1: Cidades e Números¹; 2: ATLAS do desenvolvimento humano na Região Metropolitana do Recife.
PRINCIPAIS PRODUÇÕES DOS ESTUDANTES

Dezoito crianças participaram da atividade de desenho dos croquis. Todas elas representaram seus caminhos de forma diferente, com distintos níveis de detalhes, de

¹ Disponível em: <http://users.nlink.com.br/~inicordeiro/inurbanas/2000cidadeorecifebairrosmapasAdriana.htm>

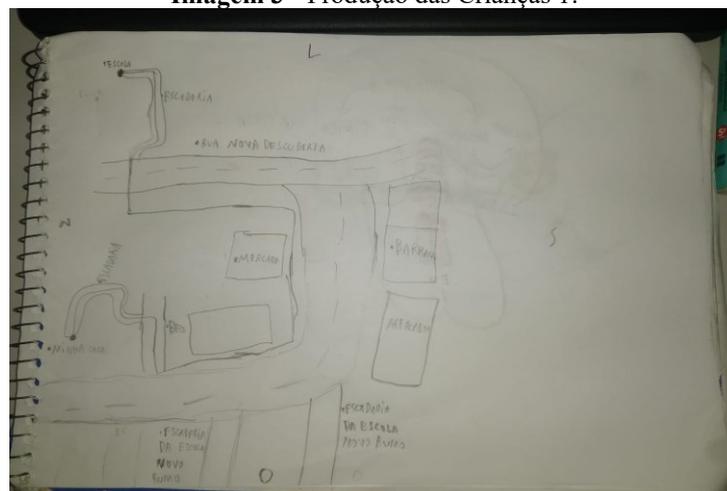
representação das paisagens, níveis de precisão na relação memória-espaco real, expressados de forma simples, com linhas e pontos representando as ruas e pontos de referência ou a indicação da configuração do caminho.

Em linhas, as crianças representaram ruas, becos e escadarias: treze dessas eram representadas com os nomes, a exemplo da própria rua da escola; quatro foram representadas com os adjetivos que as crianças associavam a elas - “rua da minha casa”, “dos três nós” (apelido que três crianças deram à um córrego, pois identificaram “fios amarrados em cima da rua”), “de Mica”, “de João” (sinalizado por uma delas como a rua do colega, caminho da sua casa); três crianças não sinalizaram em seus desenhos nem a configuração, nem o nome das ruas.

Em pontos, as crianças colocaram suas referências: parada de ônibus, mercados, barracas, lojas, igrejas, casas de vizinhos, a escola, suas casas. É interessante destacar que várias crianças passam pelos mesmos caminhos, mas cada uma coloca luz a um elemento distinto da paisagem. De doze crianças que destacaram a “Barraca Santa Cruz”, só duas destacaram a “Igreja Universal” que fica ao lado - uma relatou que a frequenta, a outra frequenta outro segmento Protestante. Esse fato demonstra práticas que fazem parte das geografias dessas crianças e que não fazem das outras. Uma criança apontou à Upinha por onde ela passa, outra representa os mercados do Córrego da Areia, em suma: cada uma destaca que chama a atenção delas.

Algumas crianças também adicionaram desenhos de suas casas e/ou representando plantas de estabelecimentos.

Imagem 3 - Produção das Crianças 1.

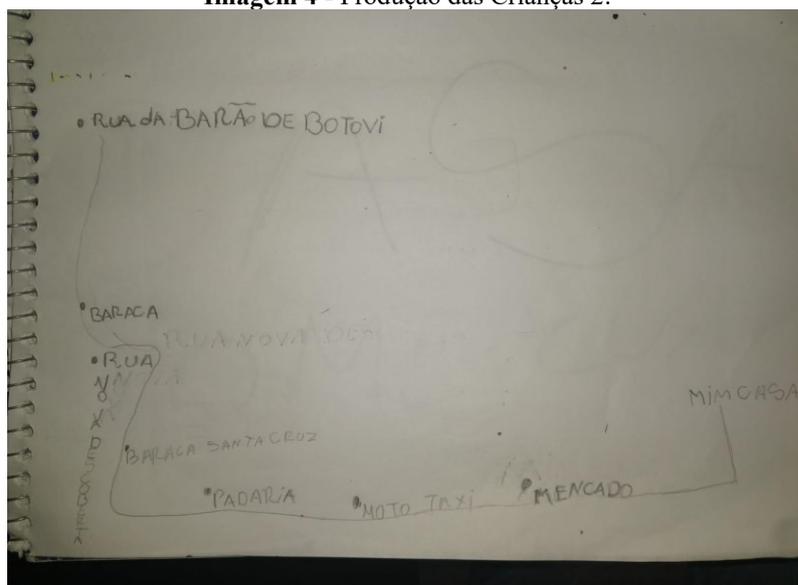


Fonte: própria (2024).

As imagens 3, 4 e 5 foram bastante interessantes para exemplificar as visões singulares infantis: na primeira, vemos a casa marcada com um ponto, representações das ruas, formas

geométricas representando estabelecimentos, diferentes larguras entre as linhas representando como essa criança enxerga seu caminho - além disso, ela se localiza no utilizando os pontos cardeais (Norte, Sul, Leste e Oeste), escreve nome de algumas ruas, e as que não têm nome, são referenciadas por pontos de referência e a criança traçou uma linha representando seu percurso; a segunda é representada majoritariamente por linhas e pontos, sinaliza as ruas que a criança passa, pontos de referência e sua casa - essa criança não pontua a escola, mas pontua a rua onde ela está, e não sinaliza os pontos cardeais; a terceira é semelhante a segunda em termos da simplicidade, mas não fica claro quando ela representa as ruas e os estabelecimentos - entretanto, essa criança representa ruas e pontos de referência. As representações foram comparadas com a imagem 6, onde se percebem as distorções advindas do próprio olhar infantil. As crianças brincaram sobre o caminho no mapa ser bem maior que elas se lembram de passar todo dia e que os desenhos estavam errados. Dessa forma, aprofundamos um pouco mais as discussões para explicar que cada pessoa vai enxergar os espaços de forma singular.

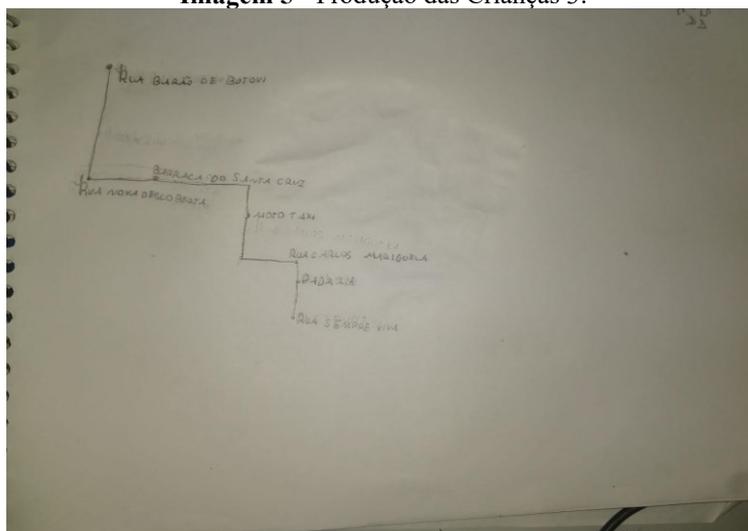
Imagem 4 - Produção das Crianças 2.



Fonte: própria (2024).

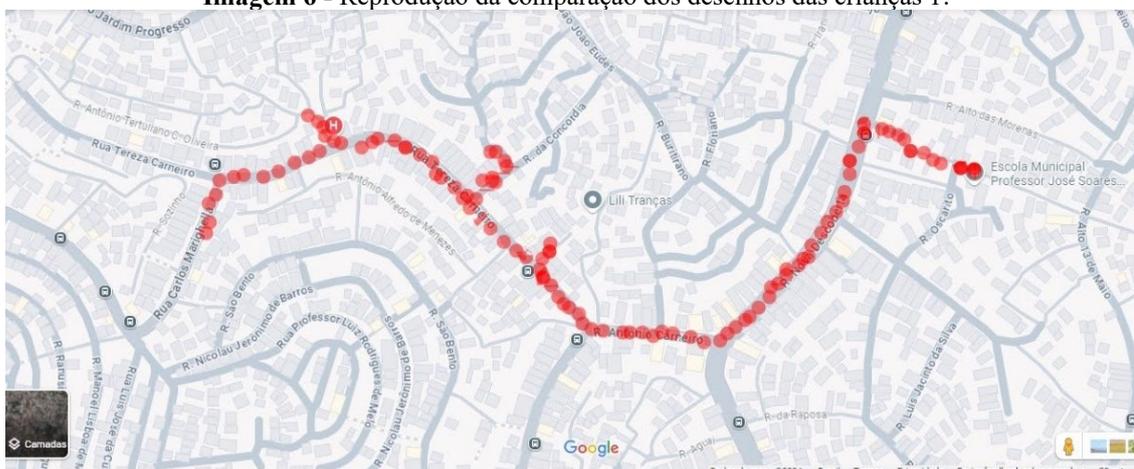
A imagem 7 é a representação de uma criança que usou linhas para representar seu caminho. Ela nos conta que desce alguns lances de escada, pega um beco e desce mais escadas até a rua onde mora. A criança destaca os nomes das ruas da escola e onde mora, além de pontos de referência. Ao compararmos o seu croqui com o seu percurso no *Maps* (Imagem 8), percebemos que o croqui era bem fiel ao percurso dela em formato.

Imagem 5 - Produção das Crianças 3.



Fonte: própria (2024).

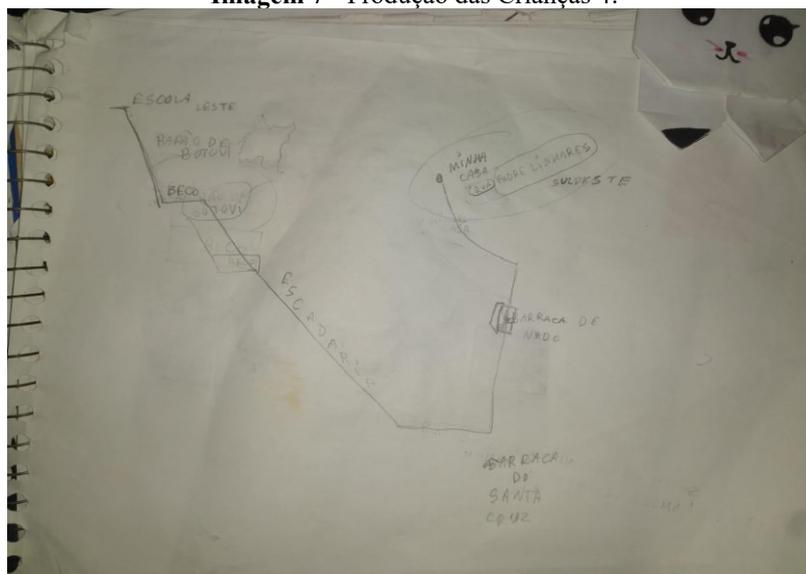
Imagem 6 - Reprodução da comparação dos desenhos das crianças 1.



Fonte: Google Maps.

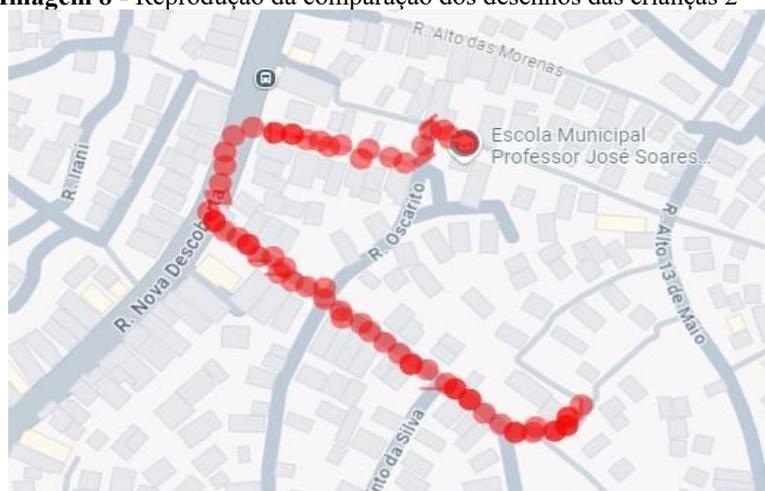
Ao conversarmos, ela explica que gosta de olhar mapas. Pergunto o motivo que ela destaca a “Barraca de Nado” e ela responde que se reúne com outras crianças para comprar “card de cantores de *K-Pop*”. Ela explica que faz esse caminho com colegas da escola, pois “sente que chega mais rápido” em casa. Aqui percebemos relações de afetividade com os espaços vividos por essa criança.

Imagem 7 - Produção das Crianças 4.



Fonte: própria (2024).

Imagem 8 - Reprodução da comparação dos desenhos das crianças 2



Fonte: Google Maps.

A atividade nos mostra a pluralidade de percepções e sentimentos que os indivíduos têm em relação aos seus espaços vividos. Mesmo quando três delas representaram o mesmo espaço, o fizeram de forma diferente. Enquanto a outra justifica seus pontos de referência e caminhos pela afetividade.

CONCLUSÕES

As pesquisas acerca da Geografia da Infância vem ganhando destaque tanto no campo da Geografia quanto no campo da Educação. Essa interlocução de áreas vem fortalecendo aspectos interdisciplinares de ambas. Esse cenário aponta para o fortalecimento dos estudos no campo do Ensino de Geografia e da Formação de Professores.

Nossa pesquisa tem ampliado as parcerias e fortalecido o aparato teórico, com isso ganha a formação de professores e os estudos no campo da Geografia.

Nossos estudos apontam que o conceito de Paisagem foi estruturante nas atividades desenvolvidas pelas crianças, porque foi a partir desse conceito que as crianças também perceberam as características das regiões brasileiras e que também fossem dando sentido às atividades desenvolvidas com a ajuda da cartografia, onde foi refletido acerca do espaço geográfico mais distante nas atividades (as regiões brasileiras) até o espaço geográfico mais familiar (as ruas da comunidade e o bairro de Nova Descoberta).

A apropriação do espaço geográfico pelas crianças foi revelado através dos nomes que estas deram ao mesmo, onde prevaleceram a representação subjetiva delas ou da própria comunidade acima inclusive dos nomes oficiais desses espaços. Essa tendência só era revertida quando as crianças se referiam a rua da escola e em alguns poucos casos em relação a rua de seu próprio endereço.

As crianças revelam uma pluralidade de percepções e sentimentos que enriquecem nosso olhar acerca do espaço geográfico, de modo que não há como ignorar a presença e o olhar infantil. Os estudos no campo da geografia da infância precisam ser aprofundados e intensificados para que a própria ciência geográfica avance em novas direções e descortine novos horizontes.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Marlla Fabiola. **O Desenho do Lugar:** um estudo de caso com crianças do 2º ano do Ensino Fundamental da Escola Pública Municipal do Recife Manoel Rolim. Orientador: Nielson da Silva Bezerra. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) - IFPE - *Campus Recife*, Recife, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/handle/123456789/283> Acessado em 20/08/2024.
- CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/7mpTx9mbrLG6Dd3FQhFqZYH> Acessado em 30/08/2024.
- FARIAS, Laís Lira Veloso. **O tecer das memórias:** os desenhos das paisagens infantis nos espaços públicos de brincar na cidade de Igarassu - PE. Orientador: Nielson da Silva Bezerra. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) - Instituto Federal de Pernambuco - *Campus Recife*, [S. l.], 2023. Disponível em: <https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/handle/123456789/1107?show=full> Acessado em: 20/08/2024.
- LOPES, J. J. M. Geografia das Crianças, Geografia das Infâncias: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e suas infâncias. **Revista Contexto & Educação**, [S. l.], v. 23, n. 79, p. 65–82, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1052> Acesso em: 13/03/ 2024.

LOPES, J. J. M.; COSTA, B. M. F. GEOGRAFIA DA INFÂNCIA: ONDE ENCONTRAMOS AS CRIANÇAS? *Revista ACTA Geográfica*, p. 101–118, 2017. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/actageo/article/view/4774> Acessado em 30/08/2024

LOPES, Jader Janer Moreira; FERNANDES, Maria Lidia Bueno. A criança e a Cidade: contribuições da Geografia da Infância. *Educação*, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 202-211, maio-agosto 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/30546> Acesso em: 25/08/2024.

LOPES, Jader Janer Moreira; MELLO, Marisol Barenco de. CARTOGRAFIA COM CRIANÇAS: lógicas e autorias infantis. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v. 7, n. 13, p. 67-78, jan-jun 2017. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/486> Acesso em 20/08/2024.

LOPES, Jader Janer Moreira; SUAREZ, Mathusalam Pantevis. “É de outro planeta, ele é extraterrestre”: revisitando os estudos em Geografia da Infância no Brasil. *Contemporânea*, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 495-592, jul-dez 2018. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/641/pdf> Acesso em 30/08/2024.

LOPES, Jader Janer Moreira; VASCONCELLOS, Tânia de. Geografia da Infância: territorialidades infantis. *Currículo sem Fronteiras*, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 103-127, jan-jun 2006. Disponível em <https://biblat.unam.mx/hevila/CurriculosemFronteiras/2006/vol6/no1/8.pdf> Acesso em: 30/08/2024.

MALATESTA, Stefano; SÁNCHEZ, Jesús Granados. La contribución de la geografía de los niños y de las niñas a la enseñanza de la geografía. *Documents d'Anàlisi Geogràfica*, [s. l.], v. 63/3, p. 631-640, 2017. Disponível em: https://ddd.uab.cat/pub/dag/dag_a2017m9-12v63n3/dag_a2017v63n3p631.pdf Acesso em 29/08/2024.

Submetido em: 19/09/2024

Aceito em: 29/11/2024

Publicado em: 30/12/2024

Avaliado pelo sistema *double blind review*